

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**

**Faculdade de Filosofia**

**Departamento de Graduação**

Oswaldo Américo Tala

**A fundamentação da epistemologia plural na perspectiva de jogos de linguagem  
em Wittgenstein**

(Licenciatura em Filosofia)

Maputo

Novembro – 2024

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**

**Faculdade de Filosofia**

**Departamento de Graduação**

Oswaldo Américo Tala

**A fundamentação da epistemologia plural na perspectiva de jogos de linguagem  
em Wittgenstein**

Monografia Científica apresentada à Faculdade de  
Filosofia da Universidade Eduardo Mondlane,  
como requisito parcial para a obtenção do grau  
académico de Licenciado em Filosofia.

**Tutor:** *Mestre* Pedro Cebola Mazi

Maputo

Novembro – 2024

## **Declaração sob compromisso de honra**

Eu, **Oswaldo Américo Tala**, titular do Bilhete de Identidade n.º 110104592157B, emitido pela Direcção de Identificação Civil da Cidade de Maputo, no dia 19 de Dezembro de 2019, declaro que esta monografia resulta de uma investigação pessoal a partir da orientação do meu tutor, o conteúdo patente nela é original e as fontes em que a mesma se baseou estão devidamente citadas no texto e constam da bibliografia. Declaro ainda que esta monografia não foi apresentada nem publicada em nenhuma outra instituição para efeitos de avaliação ou obtenção de algum grau académico.

Maputo, aos 21 de Novembro de 2024

---

(Oswaldo Américo Tala)

Aos meus pais, Américo Milissente Tala e Julieta Sebastião Massingue.

## **Agradecimentos**

A Deus, por me ter abençoado com a vida e a saúde, e por me ter guardado até aqui.

Aos meus pais, que, por meio deles, eu conheci o mundo, obrigado pelo sustento e pelo apoio incondicional nesta jornada da vida. Por mais que eu defenda a diversidade de jogos de linguagem, não existe nenhuma linguagem que seja suficiente para expressar a minha gratidão por tudo o que vocês têm feito por mim.

Aos meus irmãos, pelo apoio incondicional.

À toda a família Timana, pelo acolhimento, sustento incondicional e investimento na minha formação: vós sois os protagonistas desta licenciatura.

Ao meu tutor, *Mestre* Pedro Cebola Mazi, pelo acompanhamento, e deixo o meu reconhecimento por me ter orientado academicamente a desenvolver um espírito crítico e investigativo.

A todos os meus docentes da Faculdade de Filosofia da Universidade Eduardo Mondlane, por me proporcionarem ensinamentos que contribuíram para o meu desenvolvimento psíquico e humano. Levarei estes ensinamentos comigo eternamente.

Aos meus colegas e amigos da jornada acadêmica, especialmente ao Hermenegildo Massango, Isaquel Ângelo, Nívia Massango e Pedro Cuinica, a vossa presença e apoio foram fundamentais para a escrita desta monografia.

Aos meus amigos pessoais, José Orlando Tsandzana e Flor Júnior Timana, os vossos apoios financeiros e morais foram essenciais para toda a minha jornada acadêmica.

*“Uma causa principal das doenças filosóficas – dieta unilateral:  
alimentamos o nosso pensamento como uma espécie de  
exemplos” (WITTGENSTEIN, 1999, § 593).*

## Resumo

A monografia reflecte sobre o tema: *A fundamentação da epistemologia plural na perspectiva de jogos de linguagem em Wittgenstein*. O estudo baseia-se numa abordagem que reconhece a diversidade e complexidade dos modos de conhecimento. O filósofo propõe uma visão da epistemologia que vai além da busca por verdades universais e absolutas. Para Wittgenstein, o conhecimento é construído e compartilhado por meio de jogos de linguagem, ou seja, práticas sociais e discursivas que estabelecem significados e regras dentro de contextos específicos. Daí a sua teoria ser considerada uma epistemologia plural. Nesse sentido, a epistemologia plural destaca a variedade de formas de conhecer e de compreender o mundo, valorizando as múltiplas linguagens e perspectivas existentes no conhecimento. Essa abordagem abre espaço para a reflexão sobre a relatividade do conhecimento, questionando a ideia de uma verdade única e objectiva. Por meio dos jogos de linguagem, diferentes comunidades e culturas constroem seus próprios sistemas de significação e de conhecimento, possibilitando uma compreensão mais ampla e inclusiva da realidade. Dessa forma, a epistemologia plural, baseada nos jogos de linguagem, propõe uma visão dinâmica sobre a ecologia de saberes. Assim, esta pesquisa apresenta uma proposta para o resgate dos saberes locais que, outrora, foram deslegitimados pelas narrativas do conhecimento científico. Como todo conhecimento total é local, a pesquisa também convoca o debate sobre a epistemologia plural afro-moçambicana, reflectida à luz do ensino bilíngue, isto é, parte do modelo do ensino implementado no País, para resgatar o valor dos saberes das línguas nacionais, compreendendo que há sempre uma epistemologia opaca em cada uma delas. Contudo, a pesquisa propõe uma epistemologia afro-moçambicana baseada na ecologia regional de saberes.

**Palavras-chave:** epistemologia plural; jogos de linguagem; ecologia de saberes; saberes locais; ensino bilíngue.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	8
------------------	---

### **CAPÍTULO I: JOGOS DE LINGUAGEM E EPISTEMOLOGIA PLURAL: CONCEITOS E CONTEXTOS DE DEBATE**

1. Conceito e gênese do debate sobre jogos de linguagem .....	10
2. Epistemologia plural em Wittgenstein.....	15
3. Noção de epistemologia plural e contexto de debate.....	16

### **CAPÍTULO II: EPISTEMOLOGIA PLURAL ENQUANTO RESPOSTA ANTITÉTICA À CIÊNCIA MODERNA**

1. A indeterminação metodológica.....	20
2. Incertezas epistemológicas.....	23
3. Epistemologia plural e os fundamentos para o seu progresso.....	25
3.1. Anarquismo epistemológico .....	26
3.2. Discurso sobre geopolítica e (de)colonialidade epistemológica.....	28

### **CAPÍTULO III: POR UMA EPISTEMOLOGIA VIRADA À DIVERSIDADE DE JOGOS DE LINGUAGEM**

1. Princípios do resgate das epistemologias do sul .....	31
1.1. (In)separabilidade metodológica entre as ciências naturais e sociais .....	33
1.2. Contra hiperespecialização da ciência moderna .....	34
2. Micro-narrativas: formas de legitimação .....	35
3. Jogos de linguagem e Ecologia de Saberes.....	37
4. Por uma epistemologia plural afro-moçambicana: reflexão a partir do ensino bilíngue.....	38

CONCLUSÃO .....	42
-----------------	----

BIBLIOGRAFIA .....	44
--------------------	----

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa versa sobre o tema: *A fundamentação da epistemologia plural na perspectiva de jogos de linguagem em Wittgenstein*. O problema central da pesquisa fundamenta-se no facto de que o logicismo e o positivismo, enquanto norteadores da filosofia analítica e do projecto científico da modernidade, se posicionaram de forma hegemónica e intolerante, na medida em que negam o carácter racional aos saberes que não se pautam pelos seus princípios epistemológicos, gerando, assim, uma consciência epistemológica excludente. No entanto, toda ciência é susceptível de ser falseada, uma vez que já não há certezas indubitáveis sobre a realidade. A própria ciência moderna encontrou-se em uma situação de impossibilidade de dar respostas aos enigmas da física e, conseqüentemente, à ciência em geral. A física quântica, por exemplo, mostrou a necessidade de entender a ciência de forma complexa, e o surgimento das ciências sociais revelou que a realidade fenoménica comporta uma complexidade que antes não era considerada. O que antes parecia certo tornou-se incerto e o determinismo deu lugar ao indeterminismo. Surgem, assim, teorias que se contrapõem a essa perspectiva da modernidade, como jogos de linguagem e epistemologia plural. A questão de partida para esta reflexão é: *de que forma a teoria de jogos de linguagem em Wittgenstein fundamenta a epistemologia plural?*

A escolha do tema surge da necessidade de ultrapassar as limitações epistemológicas e a cultura hegemónica moderna, segundo a qual a ciência só poderia alcançar seu ápice de avanço mediante a adopção de suas regras metodológicas. A ciência na modernidade esteve à mercê das ciências naturais, as quais guiaram-na por uma lógica unidimensional e objectiva sobre a realidade dos fenómenos. Nesse caso, tudo era susceptível de ser explicado a partir do natural (inclusive o social). Aliás, foi a lógica das ciências naturais que desenvolveu essa concepção. Essa lógica, no entanto, é hegemónica, pois mutila o múltiplo e estabelece o uno, justificando-se socialmente ao impor uma visão reducionista da realidade. Portanto, a escolha do tema justifica-se pela pretensão de estabelecer uma resposta antitética a essa perspectiva e de criar condições horizontais na sociedade, nas quais todos os conhecimentos possam ser colocados no mesmo patamar.

Os jogos de linguagem comportam uma diversidade de formas de comunicação, dependendo do contexto de cada interlocutor. Essa teoria é apresentada no plural justamente porque reconhece a importância do contexto. A epistemologia plural, por sua vez, reconhece a diversidade dos conhecimentos e a possibilidade de comunicação entre eles. Assim, há uma relação de complementaridade entre as duas teorias, que, em alguns momentos, são

concebidas como sinónimos. No entanto, nesta pesquisa, a teoria de jogos de linguagem fundamenta a epistemologia plural.

De forma geral, a pesquisa objectiva reflectir sobre a fundamentação da epistemologia plural a partir de jogos de linguagem em Wittgenstein. De forma específica, busca-se: i) contextualizar o debate sobre a emergência de jogos de linguagem e epistemologia plural; ii) explicar os fundamentos da epistemologia plural e os factores antitéticos à ciência moderna; iii) relacionar a epistemologia plural com os jogos de linguagem como condição para o resgate e avanço das epistemologias do sul.

O tema do trabalho está baseado em uma teoria da filosofia da linguagem, especificamente a dos jogos de linguagem, mas se insere no campo da epistemologia. Dessa forma, o trabalho apresenta um carácter interdisciplinar, pois busca uma fundamentação filosófico-linguística para sustentar uma epistemologia plural. Ao ser analisado sob uma ótica epistemológica, o conceito de jogos de linguagem é entendido como uma epistemologia essencialmente plural, uma vez que promove uma visão que legitima a diversidade de formas linguísticas, contrapondo-se à linguagem unívoca que foi defendida pela ciência moderna. O conceito de epistemologia plural, por sua vez, propõe uma abordagem crítica à ciência moderna, ao enfatizar a pluralidade dos saberes. Assim, estabelece-se uma relação intrínseca entre os conceitos de jogos de linguagem e epistemologia plural, sendo que a primeira fundamenta a segunda.

Em termos metodológicos, o trabalho seguiu o método de pesquisa bibliográfica, que consistiu na recolha, leitura e análise de obras de Wittgenstein e outras obras afins à temática em discussão. A pesquisa foi apoiada pelas técnicas de comparação e hermenêutica textual, que se concentraram na leitura, compreensão, análise e interpretação dos textos seleccionados para o enriquecimento da pesquisa.

A estrutura do trabalho é composta por três capítulos. No primeiro, definem-se os conceitos de epistemologia plural e jogos de linguagem, e contextualiza-se a emergência do debate sobre esses temas no campo científico. No segundo capítulo, discute-se a epistemologia plural, contrapondo-a à perspectiva da ciência moderna, apresentando alguns pontos cruciais que marcaram a virada paradigmática da epistemologia moderna para a epistemologia plural. Ademais, são apresentados alguns fundamentos da resistência da epistemologia plural no campo da ciência, contrapondo-se aos fundamentos da modernidade. Por fim, no terceiro capítulo, realiza-se uma comparação entre os dois conceitos – epistemologia plural e jogos de linguagem – analisando a relação entre eles e justificando-se a fundamentação da epistemologia plural a partir dos jogos de linguagem.

## CAPÍTULO I: JOGOS DE LINGUAGEM E EPISTEMOLOGIA PLURAL: CONCEITOS E CONTEXTOS DE DEBATE

O capítulo apresenta a noção e a contextualização do debate sobre os jogos de linguagem e a epistemologia plural, identificando os principais elementos para a emergência e fundamentação de cada um desses conceitos. A teoria dos jogos de linguagem surge como uma resposta antitética à linguagem lógico-matemática e à visão unilateral, com base na análise do legado da filosofia analítica da linguagem, do positivismo lógico e da pragmática linguística. Já a epistemologia plural emerge no contexto da crítica ao determinismo da ciência moderna e ao surgimento das ciências sociais. O primeiro factor para a emergência da epistemologia plural reside no facto de a ciência moderna ter se posicionado de forma hegemônica e intolerante, negando o carácter científico dos demais saberes. O segundo factor diz respeito ao facto de ter sido negado um método que permitisse o estudo das ciências sociais, o que resultou na exclusão de todas as ciências que não seguiam os métodos das ciências sociais.

### 1. Conceito e génese do debate sobre jogos de linguagem

O conceito de jogos de linguagem foi cunhado por *Wittgenstein*<sup>1</sup> durante a escrita de sua segunda obra, intitulada *Investigações filosóficas*. Nessa obra, o autor apresenta o conceito de jogos de linguagem da seguinte forma: “*Podemos também imaginar que todo o processo de uso de palavras em (2) é um daqueles jogo por meio dos quais as crianças apreendem a sua língua materna. Chamarei esses de “jogos de linguagem”, e falarei muita veze de uma linguagem primitiva como um jogo de linguagem*” (WITTGENSTEIN; 1999 § 7)<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> De nome completo Ludwig Joseph Johann Wittgenstein nasceu em Viena em 26 de Abril de 1889. Iniciou seus estudos em matemática e física, mas ao se mudar para a Inglaterra, focou em engenharia mecânica na Universidade de Manchester, onde projectou um motor a jato. No entanto, seu interesse se voltou para a matemática pura, e ao ler *Princípios da matemática*, de Bertrand Russell, abandonou a engenharia e ingressou no Trinity College para estudar lógica com Russell. Durante a Primeira Guerra Mundial, foi voluntário no exército austríaco. Após a guerra, publicou *Tractatus logico-philosophicus* em 1921 e passou a viver de forma simples, trabalhando como professor. Em 1929, retornou a Cambridge, onde obteve seu doutorado e continuou seu trabalho filosófico. Em 1936, retirou-se para a Noruega para escrever *Investigações filosóficas*, mas retornou a Cambridge no ano seguinte para suceder Moore, antes de renunciar à cátedra e buscar isolamento para concluir sua obra. Em 27 de Abril de 1951, ao ser informado sobre a gravidade de sua doença, Wittgenstein antes de morrer disse: “Diga-lhes que eu tive uma vida maravilhosa”. Após sua morte, surgiram várias obras póstumas, incluindo *Caderno azul*, *Caderno castanho* e *Gramática filosófica*, entre outras (cf. apresentação da obra *Investigações filosóficas*).

<sup>2</sup> Devido ao estilo literário de Wittgenstein, que organiza seus textos em forma de versículos, neste trabalho optou-se por citar suas obras utilizando a referência ao versículo, em vez de indicar a página.

O conceito de jogos de linguagem em Wittgenstein é um reconhecimento à diversidade e a fluidez das formas de expressão humana, enfatizando que a linguagem não é estática, mas sim dinâmica e em constante evolução. Ele nos convida a perceber que as palavras, frases e signos são utilizados de maneiras variadas e criativas em diferentes contextos e situações. Ao introduzir o conceito de jogos de linguagem, destaca-se a ideia de que falar e comunicar-se não são apenas actos isolados, mas estão intrinsecamente ligados às actividades e formas de vida das pessoas. Os jogos de linguagem são inúmeras maneiras ou formas através das quais comunicámo-nos uns com os outros, são formas de vida, porque não existe uma linguagem isolada individualmente, neste caso, eles reflectem a existência do outro com o qual partilha-se as regras de comunicação.

O contexto do surgimento do conceito de jogos de linguagem está intrinsecamente ligado ao legado à filosofia analítica da linguagem; positivismo lógico e à pragmática linguística. Relativamente à filosofia analítica, se desenvolveu o entendimento de que os problemas da linguagem são também problemas da filosofia, pois os males entendidos na filosofia são resultados da incompreensão da linguagem, por isso, há necessidade de se fazer uma análise linguística. O recurso analítico é condição indispensável para acabar com os problemas da filosofia e neste debate encontram-se filósofos como: Gottlob Frege, Bertrand Russel e Ludwig Wittgenstein como expoentes da filosofia analítica da linguagem.

Frege (2009, p. 15) revela sua abordagem em relação à lógica e à linguagem, particularmente no contexto de seu trabalho do desenvolvimento da conceitografia para a matemática.

A lógica é o elemento essencial para expressar de forma precisa e rigorosa os conceitos e enunciados da aritmética, que muitas vezes não podiam ser adequadamente compreendidos pela linguagem ordinária. Neste caso, a linguagem quotidiana era frequentemente inadequada para usos científicos devido à sua obscuridade, ambiguidade e irregularidade. Por isso, era necessária uma linguagem mais clara e precisa que pudesse representar as relações lógicas complexas de maneira mais adequada e consistente. Assim, Frege via a conceitografia não apenas como uma simples extensão da lógica, mas como uma linguagem necessária e fundamental para superar as limitações da linguagem comum e fornecer uma base sólida para a investigação matemática e lógica.

Frege faz menção de dois conceitos fundamentais: sentido e referência. Ele procura distingui-los alegando que são condições primordiais para a compreensão do significado que é o problema fundamental da linguagem. A referência é tida como o objecto do qual se fala e o sentido é o modo de se referir ao objecto, neste caso, o sentido não repousa necessariamente

na referência. Por exemplo, quando se diz “Aristoteles”, estamos diante de uma referência, e também quando se diz “estagirita” é uma referência. Logo, há vários sentidos sobre o referente, por isso que na linguagem corrente há ambiguidades sobre ela. Portanto, Frege opta por uma lógica matemática para analisar as proposições linguísticas, cuja teleologia é propor a criação de uma linguagem objectiva e matemática.

Russell (2006, p. 7) faz o uso da lógica e matemática para explicar a teoria das descrições definidas. A tese central é que qualquer verdadeira forma lógica de expressão, contém descrições definidas, neste caso, descrições que não denotam nada; descrições que denotam um objecto definido e descrições que denotam a ambiguidade. Com isso, Russell faz uma crítica a Frege, pois, para ele, o sentido repousa necessariamente na referência, é uma condição *sine qua non* porque sem a referência não há sentido. Por isso que na teoria das descrições, este filósofo inglês pretende apresentar a forma lógica da linguagem para esclarecer o sentido enquanto referência. Esta é uma abordagem inovadora de Russell na filosofia analítica da linguagem, especificamente em relação à sua teoria das descrições definidas. Russell utilizou a lógica e a matemática como ferramentas fundamentais para explicar como as descrições definidas funcionam na linguagem como elementos-chave na atribuição de sentido.

Wittgenstein opta, a princípio, por seguir o legado e as ideologias da escola analítica da linguagem, uma vez que concorda com as declarações de Frege juntamente com Russell. O legado da filosofia analítica da linguagem era descobrir uma linguagem que esteja fora da linguagem comum, uma vez esta era acusada de proporcionar declarações ambíguas para a comunicação e conseqüentemente para a ciência. Portanto, compreendemos que Wittgenstein inicia o positivismo lógico. O autor entende que: *“Na linguagem corrente amiúde acontece que a mesma palavra designa de modos diferentes - pertencendo, pois, a símbolos diferentes - ou ainda duas palavras, que designam de modos diferentes, são empregadas na proposição superficialmente da mesma maneira”* (WITTGENSTEIN, 1968, § 3.323).

O positivismo lógico de Wittgenstein expressa uma antítese à linguagem corrente, pois destaca-se a complexidade e a ambiguidade inerente a ela mesma. O filósofo observa que na linguagem cotidiana é comum que uma mesma palavra possa ser utilizada para designar conceitos ou realidades distintas, ou que duas palavras diferentes possam ser empregadas superficialmente de maneira similar em uma proposição. Portanto: *“Tudo em geral o que pode ser pensado o pode claramente. Tudo o que se deixa exprimir, deixa-se claramente”* (*idem*, §

4.116). Isto é, a linguagem susceptível de se exprimir com clareza é a lógica, aliás tudo o que está além da lógica não tem uma expressão clara e objectiva nas proposições.

Wittgenstein, para além de fazer uma crítica a linguagem comum, marca uma reviravolta na epistemologia, na medida em que retira as proposições transcendentais no cerne do debate da ciência, destacando a clareza e precisão no pensamento. A tese principal de Wittgenstein está expressa nas seguintes proposições: “...*não pode haver proposições da ética. Proposições não podem exprimir nada além. É claro que a ética não se deixa exprimir. A ética é transcendental. (Ética e estética são um só)*” (WITTGENSTEIN, 1968, § 6.42-6.421). O filósofo desmetafisicou a ciência e optou pelo positivismo lógico e contrariou-se a todas as proposições que transcendem a nossa realidade fenomênica propondo que “*O que não se pode falar, deve-se calar*” (*idem*, § 7). Depois de todas as declarações que o autor faz na sua primeira obra declarou que tinha dito tudo de forma clara e objectiva sobre a ciência, quer dizer, o autor declarou que apenas a linguagem expressa na primeira obra era capaz de resolver todos os enigmas na filosofia da linguagem e a mesma obra influenciou toda geração de círculo vienense a sua forma de pensar a ciência.

Na sua obra *Investigações filosóficas*, Wittgenstein faz uma crítica radical à todas suas declarações da primeira obra, daí que o seu pensamento é dividido em I e II. Os jogos de linguagem representam as diversas formas de interacção verbal e simbólica que ocorrem em nossa vida quotidiana. Cada jogo de linguagem possui suas próprias regras, normas e padrões de uso da linguagem, que são determinados pelo contexto em que estão inseridos. O modo como se utiliza a linguagem na matemática é diferente do modo como se utiliza na poesia, na ciência ou na comunicação do dia-a-dia. A tese antitética que o filósofo faz é de que: “*Os problemas filosóficos nascem quando a linguagem entra de férias*” (WITTGENSTEIN, 1999, § 38).

Se Wittgenstein I entende que os problemas filosóficos surgem por conta do carácter ambíguo da linguagem comum, Wittgenstein II entende que surgem no âmbito de adopção de uma perspectiva estreita e unilateral, na qual nos fixamos apenas em certos tipos de exemplos ou situações específicas, enquanto ignoramos outros aspectos importantes da realidade. Ao comparar esse processo com a dieta unilateral, Wittgenstein reflecte sobre como nosso modo de pensar e raciocinar pode ser limitada por nossas escolhas selectivas de exemplos e experiências. Assim como uma dieta desequilibrada e unilateral pode levar a deficiências nutricionais e problemas de saúde, uma abordagem filosófica que se baseia em um conjunto limitado de exemplos ou casos isolados pode nos levar a conclusões distorcidas e a equívocos conceituais. O autor alerta para o perigo de nos concentrarmos excessivamente em um único

tipo de pensamento ou argumentação, em detrimento de uma visão mais ampla e variada da realidade.

A abordagem da pragmática da linguagem está também intrinsecamente ligada à gênese do debate sobre os jogos de linguagem. *“Para reconhecer o símbolo no signo deve-se atentar para seu uso significativo”* (WITTGENSTEIN, 1968, § 3.326). A compreensão do significado de um símbolo não pode ser separada de sua utilização prática e contextualizada em situações concretas de comunicação e interação. Portanto, para reconhecer o símbolo no signo é necessário prestar atenção ao seu uso significativo, na natureza dinâmica e contingente da linguagem porque o significado das palavras e expressões emerge da actividade comunicativa real dos falantes, marcada por contextos específicos, intenções discerníveis e práticas linguisticamente arraigadas.

*“Wittgenstein [...] proclamava em Cambridge: ‘Don’t ask for the meaning, ask for the use’ (Não pergunte pelo significado, pergunte pelo uso)”* (WITTGENSTEIN *apud* MAZI; ANTÓNIO, 2024, p. 58). Isto significa que os símbolos ganham o significado consoante as circunstâncias em que são usados, isto é, o significado de um símbolo não é algo estático ou pré-determinado, mas sim algo que se manifesta e se revela através de seu emprego em diferentes situações e contextos. Assim, a compreensão do significado de um símbolo requer uma apreciação sensível e perspicaz de como ele é utilizado e interpretado pelos falantes em suas interações quotidianas *“... a significação de uma palavra é o seu uso na linguagem”* (WITTGENSTEIN, 1999, § 43).

A linguagem na perspectiva pragmática é multifuncional, servindo a uma variedade de propósitos e contextos, indo além da mera transmissão de pensamentos para incluir aspectos como a expressão de sentimentos, a criação de significados compartilhados, a interação social e até mesmo formas de jogar com palavras e conceitos. Portanto, ao defender a necessidade de romper com a visão limitada da linguagem como sendo apenas um veículo para transmitir pensamentos específicos, Wittgenstein faz um convite para o reconhecimento e apreciação da riqueza e a complexidade da linguagem em sua variedade de usos e formas, destacando que a compreensão plena da linguagem exige uma consideração mais ampla e aberta de seus múltiplos aspectos e funções.

## 2. Epistemologia plural em Wittgenstein

O conceito de epistemologia plural não é próprio de Wittgenstein, mas a enunciação do tema remete ao leitor a concebê-lo a partir do conceito de jogos de linguagem, ou seja, há uma ideia de epistemologia plural opaca no conceito de jogo de linguagem, pelo que se faz o enquadramento daquele conceito neste:

Quantas espécies de frase existem? Afirmação, pergunta e comando, talvez? – Há inúmeras de tais espécies: inúmeras espécies diferentes de emprego daquilo que chamamos de “signo”, “palavra”, “frases”. E essa pluralidade não é nada fixo, um dado para sempre; mas novos tipos de linguagem, novos jogos de linguagem, como poderíamos dizer, nascem e outro envelhecem e são esquecidos [...]. O termo "jogo de linguagem" deve aqui salientar que o falar da linguagem é uma parte de uma actividade ou de uma forma de vida. Imagine a multiplicidade dos jogos de linguagem por meio destes exemplos e outros: Comandar, e agir segundo comandos – Descrever um objecto conforme a aparência ou conforme medidas [...] (WITTGENSTEIN, 1999, § 23).

Os jogos de linguagem podem ser enquadrados na epistemologia plural ao destacar a diversidade e a fluidez das formas de expressão e comunicação humana. A epistemologia plural de Wittgenstein na perspectiva de jogos de linguagem é o reconhecimento da existência de múltiplas formas de conhecimento e compreensão do mundo, os quais são moldados pelas diferentes linguagens e perspectivas culturais. A linguagem não é um sistema estático e uniforme, mas sim uma prática em constante evolução, com novos tipos de linguagem surgindo e outros sendo esquecidos ao longo do tempo. Portanto, ao reflectir-se sobre a multiplicidade dos jogos de linguagem e a constante renovação das formas de expressão linguística, pode-se compreender a importância da epistemologia plural em reconhecer e valorizar a diversidade de conhecimentos, linguagens e perspectivas como uma fonte de enriquecimento e compreensão mais profunda do mundo e das experiências humanas.

Wittgenstein (1999, § 122) traz uma proposta que visa deslocar a visão unívoca da linguagem para uma visão panorâmica da mesma. Entende-se que um dos principais problemas da não compressão da linguagem é que o homem circunscreve-a apenas a lógica ignorando a visão panorâmica do uso da linguagem. Com os jogos de linguagem, abre-se uma visão que extrapola os limites unidimensionais da linguagem e permite-se ver o contexto em que cada uma das palavras é usada, baseando-se nas conexões que essas palavras têm para com as outras. A partir deste entendimento sobre os jogos de linguagem, subentende-se, embora de forma latente, uma epistemologia plural.

Ao reconhecer uma diversidade linguística, a teoria de jogos de linguagem, afirma uma epistemologia baseada no pluralismo epistêmico e no reconhecimento de cada uma das epistemologias que outrora foram expurgadas do campo da ciência. Assim, ao apresentar uma perspectiva plural da linguagem, na pretensão de criticar a linguagem cientificista (que consistiu na eliminação de toda linguagem que não pautasse pelo logicismo e matematecismo), Wittgenstein, reivindica sob ponto de vista epistemológico, uma pluralidade linguística e metodológica na ciência, por isso que o conceito de epistemologia plural é compreendido na sua teoria de jogos de linguagem.

### 3. Noção de epistemologia plural e contexto de debate

Dussel (1977, p. 175-176) desenvolve o entendimento de que a epistemologia plural é uma bordagem que reconhece a diversidade de saberes e práticas intelectuais que existem além da tradição filosófica ocidental. Esta definição desafia a universalidade do conhecimento ocidental, questionando a pretensão de que a categorias e conceitos ocidentais são os únicos válidos. Neste caso, o autor fala de uma filosofia libertadora, que valoriza os saberes produzidos nas margens, reconhecendo que esses saberes têm o mesmo valor quanto os conhecimentos tradicionais. Em suma, a epistemologia plural é uma proposta descolonizadora sob ponto de vista do conhecimento, que permite que as diferentes formas de conhecimento coexistam e se complementam na construção de uma sociedade justa e inclusiva.

A ciência moderna foi concebida como tendo a missão de eliminar o que aparentava ser complexo nos fenômenos naturais, humanos e sociais, com a pretensão de revelar a sua simplicidade e as leis que a regulam. A ciência caminhava de forma linear obedecendo o método de simplificação, promovendo uma visão unilateral do conhecimento. Compreende-se, portanto, que a epistemologia plural surge no âmbito da crítica ao determinismo científico moderno e emergência das ciências sociais.

O determinismo científico moderno foi levado a cabo pelo Círculo de Viena<sup>3</sup> que debateu a problemática da demarcação juntamente com desmetafísicação da ciência e a

---

<sup>3</sup> Segundo Nouvel (2013, p. 184), o Círculo de Viena foi uma corrente de pensamento, nascida em Viena na Áustria, no início da década de 1920, quando pensadores de vários horizontes, reuniam-se para debater sobre os problemas concernentes a ciência no século XX. Dentre os vários membros do Círculo, destacam-se: Moritz Schlick, Rudolf Carnap, Otto Neurath, Hans Hahn e Friedrich Waismann. Em 1929, com a publicação de um manifesto destinado a ser o programa oficial do movimento, intitulado “A concepção científica do mundo: Círculo de Viena”, o grupo deu um breve relato da posição filosófica que visava estabelecer uma concepção científica do mundo. No seu manifesto, os empiristas lógicos justificavam a superioridade da ciência, na busca

unificação das ciências como sendo o seu programa epistemológico. Com influência de Wittgenstein I, o Círculo de Viena procurou através da linguagem lógico-proposicional, eliminar a metafísica das ciências: “*Tudo em geral o que pode ser pensado o pode claramente. Tudo o que se deixa exprimir, deixa-se claramente*” (WITTGENSTEIN, 1968, § 4.116). Lógica proposicional é, por excelência, linguagem da ciência e todos os enunciados que não eram expressos por ela, foram expurgados do quadro das ciências, tal como a metafísica.

O Círculo de Viena implantou um princípio como um critério para demarcar a linguagem científica da conversa metafísica e teológica, o princípio da verificabilidade, segundo a qual o significado de uma proposição consiste em como é verificável, “*Uma proposição somente tem sentido, somente é verificável, se eu puder indicar em que condições seriam verdadeiras e em que condições seriam falsas*” (SCHLICK; CARNAP; POPPER; 1975, p. 61). A acusação do empirismo lógico contra o metafísico era que ele quebrava as regras que qualquer declaração deve satisfazer se quiser ser literalmente significativa.

A verdade indubitável, a certeza e a ordem são os elementos que norteavam o ambiente do Círculo de Viena, pelo que a ciência moderna “... *proporcionava uma âncora para a intuição humana*” (GREENE; 2005, p. 27). A ciência moderna entendia que a compressão do universo requer uma base fundamental, ou seja, em nome de uma disciplina sofisticada sacrificou-se as probabilidades fenomênicas da realidade, pois acreditava-se que os fenómenos fossem vistos de maneira correcta e que os acontecimentos do universo eram susceptíveis de serem explicados com exactidão e previsibilidade. Greene (*idem*, p. 39) entende que no século XIX a ciência sentiu a necessidade de introduzir a física quântica, pois de maneira inesperada descobriu-se que só as leis quânticas eram capazes de dar resoluções aos demais enigmas da ciência, porém, elas mesmas só poderiam dar respostas probabilísticas, com isso seria o anúncio da crítica ao determinismo científico da modernidade.

Ora, a complexidade chegou até nós, na ciência, pelo mesmo caminho que tinha sido expulso. O próprio desenvolvimento da ciência física, que se consagra a revelar a Ordem implacável do mundo, no seu determinismo absoluto e perpétuo, sua obediência a uma Lei única e sua constituição de uma forma original simples (átomo) desembocou finalmente na complexidade do real. Descobriu-se no universo físico um princípio hemorrágico de degradação e de desordem (segundo princípio da termodinâmica); depois, no que supunha ser o lugar da simplicidade física e lógica, descobriu-se a extrema complexidade microfísica; a partícula não é o primeiro tijolo, mas uma fronteira

---

da verdade, relativamente à todas espécies de concepções não científicas do mundo: metafísicas, míticas e pseudocientíficas.

sobre uma complexidade talvez inconcebível; o cosmo não é uma máquina perfeita, mas um processo em vias de desintegração e de organização ao mesmo tempo (MORIN, 2005, p. 14).

A ciência moderna que pautava pela certeza, ordem e guiava-se pela lei única de previsibilidade dos fenômenos terminou nas leis da complexidade devido a descoberta do princípio da desordem, complexidade microfísica e imperfectibilidade do cosmo. Aqui, os fenômenos passam a obedecer um círculo vicioso de desintegração e de organização, porque vão passar por uma desordem espontânea e voltarão a reorganizar-se. É a partir desses fenômenos que a realidade passa a ser encarada de forma complexa e elimina-se a linearidade epistemológica científica. Portanto, com a crítica o determinismo científico-moderno, a epistemologia plural assinava a sua emergência na ciência. Se no ponto anterior, se desenvolveu a ideia que a epistemologia plural surge como resposta crítica pela valorização das epistemologias que outrora foram banalizadas, neste ponto, a epistemologia plural (complexa) surge também como resposta ao determinismo científico-moderno, revelando a complexidade enquanto caminho para os fenômenos científicos.

Morin (2005, p. 5) entende-se que a epistemologia plural tem duas vertentes, a primeira desenvolve a ideia de dois valores antagônicos mas que seriam indissociados. Esta vertente sacrifica o uno enquanto simplicidade e valoriza o múltiplo complexo. E a segunda vertente entende a epistemologia plural por um conjunto de fenômenos que primam pela constante interação e que no final poderão constituir um mundo complexo e plural. Portanto, a epistemologia plural comporta antagonismo nos fenômenos, pelo que ela emerge enquanto proposta antitética ao método simplificacionista que mutilou as outras epistemologias. Ela estabelece factores de instabilidades e probabilidades eliminando o uno metodológico pela multiplicidade metodológica. A epistemologia plural traz uma nova ordem desordenada, isto é, olha os fenômenos como sendo não lineares.

As ciências sociais na sua emergência, por sua vez, reivindicam o seu método porque para além de ser totalitária, a ciência moderna, encontra-se uma impossibilidade de estudar o social a partir do método das ciências naturais, daí que Wittgenstein (1969, § 65) entende que a mudança de jogo de linguagem para jogos de linguagem significa a mudança da concepção da ciência. Se outrora a ciência era unilateral, com os jogos de linguagem ela é multilateral, isto é, comporta uma diversidade de ciências, por isso que *“as ciências sociais terão de recusar todas as formas de positivismo lógico ou empírico ou de mecanicismo materialista ou idealista com a conseqüente revalorização do que se convencionou chamar humanidades ou estudos humanísticos”* (SOUSA SANTOS, 2008, p. 20).

Abandona-se as abordagens que reduzem a complexidade humana e social a modelos puramente científicos ou mecanicistas, a semelhança do positivismo lógico, empirismo e materialismo. Estas abordagens ao dar primazia a objectividade em detrimento da subjectividade, têm a tendência de simplificar e desumanizar as características sociais, ignorando os aspectos mais subjectivos e culturais da experiência humana. Portanto, o surgimento das ciências sociais está no âmbito da tentativa de resistirem a hegemonização científica moderna e, conseqüentemente, a reivindicação de uma epistemologia plural que seria a valorização do múltiplo complexo em detrimento do uno simples.

O argumento fundamental é que a acção humana é radicalmente subjectiva. O comportamento humano, ao contrário dos fenómenos naturais, não pode ser descrito e muito menos explicado com base nas suas características exteriores e objectiváveis, uma vez que o mesmo acto externo pode corresponder a sentidos de acção muito diferentes (SOUSA SANTOS; 2008, p. 38).

Ao tentar explicar a acção humana apenas por características externas mensuráveis, a abordagem científica tradicional falha. Para a melhor compressão do comportamento humano é necessário estudar factores internos do próprio homem. Esta visão desafia a ideia de que o comportamento humano pode ser tratado como um determinado regime natural por leis universais e previsíveis como mecanicismo das ciências exactas. Mas com as ciências sociais descobriu-se que a acção humana é situada sob ponto de vista contextual e subjectiva. Neste caso, a compreensão do comportamento humano não se circunscreve a mensuração do externo e objectivo.

## CAPÍTULO II: EPISTEMOLOGIA PLURAL ENQUANTO RESPOSTA ANTITÉTICA À CIÊNCIA MODERNA

O capítulo identifica os fundamentos da epistemologia plural e os factores críticos à ciência moderna. A indeterminação metodológica e as incertezas epistemológicas são os elementos fundamentais da epistemologia plural, uma vez que estes trazem respostas radicais e antitéticas ao determinismo e certeza que norteiam a ciência moderna. Conceitos como geopolítica, decolonialidade do conhecimento e anarquismo epistemológicos são debatidos como fundamentos para o progresso da epistemologia plural.

### 1. A indeterminação metodológica

A ciência moderna, conforme dito no capítulo precedente, teve como a palavra de ordem a simplicidade, isto é, eliminação da pluralidade fenoménicas nos eventos científicos, estabelecendo a ordem e a linearidade metodológica. Mas a epistemologia plural traz uma resposta antitética à ciência moderna ao conceber uma diversidade de jogos de linguagem, ou seja, ciência enquanto horizonte plural. Sendo assim, este subtítulo traz uma nova perspectiva baseada na epistemologia plural em resposta ao determinismo metodológico.

*“O paradoxo desaparece apenas quando rompemos radicalmente com a ideia de que a linguagem funciona sempre de um modo, serve sempre ao mesmo objectivo...”* (WITTGENSTEIN, 1999, § 304). Nesta citação, está patente a crítica de que a visão unificada e restritiva da linguagem não captura toda a complexidade e diversidade de suas formas e usos na comunicação humana. Pode-se fazer uma analogia com o carácter determinista da ciência moderna, ela também ao optar por uma atitude hegemónica mutila o pluralismo metodológico e, por consequência, a epistemologia plural. Contudo, há necessidade de se romper com visão unilateral da linguagem e da epistemologia para estabelecer a diversidade científica.

A epistemologia plural, para Morin (1977, p. 19), desenvolve o entendimento de que o paradigma científico moderno foi invadido, tanto que o determinismo metodológico encontrou seus limites nas leis da instabilidade e probabilidade dos fenómenos. Portanto, a nova ordem desordenada traz uma nova perspectiva que é a indeterminação do método, por isso se deve colocar metodologicamente em dúvida o próprio método moderno. A nova epistemologia que indaga sobre o não determinismo metodológico deve estar intrinsecamente ligada a detectar e não ocultar as ligações existentes entre a ordem/desordem e simples/complexo, estabelecendo a ideia segundo a qual o método não é um caminho já

traçado, mas sim um caminho a ser traçado tendo em conta as realidades probabilísticas e de imprevisibilidade dos fenómenos científicos. Assim sendo, a credibilização desta ideia é que constituiu uma condição indispensável para a invasão do método científico moderno.

O método opõe-se aqui à concepção dita «metodológica», na qual se reduz a receitas técnicas. Como o método cartesiano, deve inspirar-se num princípio fundamental ou paradigma. Mas aqui, a diferença reside precisamente no paradigma. Já não se trata de obedecer a um princípio de ordem (que exclui a desordem), de clareza (que exclui o obscuro), de distinção (que exclui as aderências, participações e comunicações), de disjunção (que exclui o sujeito, a antinomia, a complexidade), isto é, a um princípio que liga a ciência à simplificação lógica. Trata-se, pelo contrário, a partir dum princípio de complexidade, de ligar o que estava disjunto (MORIN, 1977, p. 26).

Morin critica o determinismo científico da modernidade e propõe uma nova forma de pensar. O método moderno baseava-se na busca pela clareza, certeza e separação de elementos distintos para melhor compreensão do real, onde a complexidade do mundo é reduzido a unidades isoladas. No entanto, o filósofo questiona essa abordagem pela sua incapacidade de lidar com a desordem, a incerteza, as contradições, as inter-relações que caracterizam a realidade. Assim, a realidade não pode ser entendida apenas por meio da separação e do isolamento de partes dentro de um todo complexo, aliás “... *a nossa investigação não tenta encontrar o real e exacto significado das palavras*” (WITTGENSTEIN, 1989, § 467). Há necessidade de se desenvolver um pensamento que conecte o que foi disjunto, que acolhe o paradoxo e a interacção entre as partes, ao invés de as fragmentar em categoria. A proposta é a superação da visão reducionista e determinista da ciência, onde o sujeito e o objecto, a ordem e a desordem, o claro e o obscuro são vistos como partes de um sistema complexo, inseparáveis e independentes, isto é, propõe-se uma indeterminação metodológica.

“*Sendo um modelo global, a nova racionalidade científica é também um modelo totalitário na medida em que nega o carácter racional puro a todas formas de conhecimento*” (GOBBI, 2002, p. 42). Este autor faz uma crítica à ciência moderna, por esta ter monopolizado a definição de racionalidade, consequentemente excluindo ou desvalorizando outras formas de conhecimento. Esta nova racionalidade, por ser global, impõe-se de maneira dominante e se posiciona como a única forma válida de pensamento racional. A ideia de totalitarismo expressa aqui é de uma imposição na forma como o mundo é interpretado, excluindo a pluralidade de perspectivas e experiências humanas. Portanto, isso criou uma hegemonia científica e, consequentemente, ignorância da complexidade na ciência.

Os Sistemas Fechados, pela busca do movimento ondulatório e pelas incertezas, iniciam uma revolução no pensamento humano. A compreensão dos sistemas passa a ser aberta. Ou seja, os ciclos do movimento dos quanta, ou do movimento atômico, ampliam a explicação para os Sistemas. Os Sistemas Fechados perdem espaço, irrevogavelmente para o conceito de Sistemas Abertos. Assim, com a Teoria Quântica, muda a visão do mundo: este já não é visto como máquina perfeita e concluída, mas é um sistema complexo, interdependente, um organismo vivo, expansivo; ao mesmo tempo, todo conhecimento deixa de ser certo para se tornar aproximativo; provável e em constante mudança e adequação (readequação) (GOBBI, 2002, p. 48).

A ideia de que os sistemas fechados, que são os métodos da ciência moderna, estão sendo substituídos pelo conceito dos sistemas abertos, que são pluralidades metodológicas, reflecte a compreensão emergente da interconexão e interdependência dos elementos em nosso mundo. Com a teoria quântica de Gobbi, e a ideia da epistemologia plural em Wittgenstein, compreende-se que todo conhecimento é aproximativo, provável e sujeito a contínuas e readaptações. Essas abordagens representam um desafio para a ciência abraçar a indeterminação metodológica que, por sua vez, traz uma visão holística e dinâmica da ciência, considerando a complexidade e a interconexão dos sistemas, bem como a natureza mutável e evolutiva da ciência. Portanto, essa nova perspectiva é um convite para se optar pelo indeterminismo e a mudança como elementos essenciais para expandir a compreensão do universo.

Prigogine (2002, p. 11-12), desenvolve a ideia segundo a qual o mundo obedece às leis do caos, e este, por sua vez, é consequência dos factores de instabilidade. Essa concepção engloba a ciência, porque ela também apresenta factores de instabilidade e probabilidade na sua evolução. Portanto, falar do caos é falar da reformulação das leis da natureza que guiam a ciência moderna. O caos configura-se como uma percepção não linear da ciência; é o estudo dos sistemas abertos (Gobbi), comportamento irregular e dinâmico dos fenómenos naturais. O caos não significa uma desordem completamente irracional, mas uma desorganização nos processos determinísticos padronizados no estímulo; é uma possibilidade de compreensão dos fenómenos mais complexos. Portanto, esta perspectiva de Prigogine reflecte a própria indeterminação metodológica.

## 2. Incertezas epistemológicas

A ciência na sua gênese surge como negação do conhecimento mitológico e doutrinário, no sentido em que ela procura racionalizar as explicações sobre o mundo. Porém, quando ela se sujeita à certeza e ao determinismo, perde aquilo que em sua gênese foi o elemento primordial que é o não dogmatismo. Assim sendo, se a epistemologia plural aparece com a indeterminação metodológica, então isso suscita uma incerteza epistemológica. Com a incerteza se instala a ideia de que o conhecimento é limitado e que a maior certeza que resta é do carácter indestrutível da incerteza epistemológica. Wittgenstein (1989, § 555) entende que com a diversidade epistemológica a partir dos jogos de linguagem, a incerteza epistemológica instalou-se não apenas em alguns casos particulares, mas sim no método em geral. Portanto, a ciência deve apreender a viver com a incerteza.

Morin (2003, p. 56), com a sua epistemologia complexa, aborda a complexidade das transformações e desafios enfrentados pela ciência e pela forma como se entende o mundo. O autor destaca como as descobertas científicas revolucionárias do século XX, a termodinâmica e a teoria quântica, impactaram profundamente as visões humanas sobre a realidade. A noção outrora apresentada, de um universo determinista e perfeitamente ordenado, foi abalada, dando lugar a uma perspectiva mais fluída e dialógica que reconhece a coexistência da ordem e da desordem. Morin chama atenção para a necessidade de repensar os paradigmas lógicos e racionais estabelecidos, visto que as fronteiras entre o calculável e o incalculável, o mensurável e o imensurável, tornaram-se mais permeáveis. Essas mudanças levam a questionamentos profundos sobre a própria racionalidade científica, convidando à exploração de novas formas de compreender e interagir com a complexidade do mundo em constante transformação. A reflexão proposta aqui é um incentivo para se aderir a incerteza, a ambiguidade e a diversidade como elementos essenciais para uma compreensão mais ampla e inclusiva da realidade que nos cerca. Portanto, a condição humana está marcada por incertezas cognitivas.

Há três princípios de incerteza no conhecimento: o primeiro é cerebral: o conhecimento nunca é um reflexo do real, mas sempre tradução e construção, isto é, comporta risco de erro; o segundo é físico: o conhecimento dos fatos é sempre tributário da interpretação; o terceiro é epistemológico: decorre da crise dos fundamentos da certeza, em filosofia (a partir de Nietzsche), depois em ciência (a partir de Bachelard e Popper). Conhecer e pensar não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza (MORIN, 2003, p. 59).

É necessário reconhecer-se e lidar com a incerteza inerente ao conhecimento humano. Na citação acima, Morin reflecte sobre três princípios de incerteza que permeiam a busca humana pela compreensão do mundo. O primeiro princípio, denominado cerebral, ressalta que o conhecimento não é uma simples reprodução da realidade, mas sim uma tradução e construção constantes, sujeito a erros e interpretações subjectivas. Essa ideia compreende que sempre haverá uma margem de incerteza associada ao que se sabe e às conclusões que se tira. Trata-se de uma advertência para que se questione a própria natureza da percepção e da interpretação. Ao se compreender que o conhecimento é sempre uma construção e uma tradução subjectiva da realidade, leva-se o homem a confrontar a sua própria subjectividade e os limites impostos pela sua mente na busca pelo conhecimento.

O segundo princípio enfatiza que o conhecimento dos factos está intrinsecamente ligado a interpretações, moldando a forma como se compreende a realidade. Isso é um alerta para a necessidade de considerar diferentes perspectivas e abordagens na construção do conhecimento. Ressalta, ainda, a importância da interpretação na formação do conhecimento. Cada facto observado é filtrado através das lentes interpretativas do observador, o que nos leva ao reconhecimento da influência dos nossos preconceitos, experiências passadas e contexto cultural na construção do que se considera como verdade.

Por fim, o terceiro princípio, o epistemológico, é uma reflexão sobre a crise dos fundamentos da certeza que dominou a ciência unilateral. Esse princípio desenvolve a ideia de que a busca pela verdade absoluta é uma tarefa complexa e muitas vezes ilusória, e que é essencial manter um diálogo constante com a incerteza e a ambiguidade. Assim sendo, é um alerta para a fragilidade dos fundamentos da certeza em filosofia e ciência. Aquilo que se considera como verdade absoluta pode ser submetido a questionamentos e revisões constantes, à medida que novos paradigmas emergem e desafiam as bases do conhecimento estabelecido. Em suma, a ideia central transmitida por Morin é que conhecer e pensar não se resume a alcançar uma verdade definitiva e imutável, mas sim a aceitar e aderir a incerteza como parte integrante do processo cognitivo. Portanto há uma relação entre a epistemologia plural de Wittgenstein e os três princípios de Morin que é a incerteza epistemológica.

### 3. Epistemologia plural e os fundamentos para o seu progresso

O debate moderno inerente ao progresso da ciência foi guiado pelo princípio exclusivamente racional, isto é, o não racional não encontrava espaço no debate da ciência. Porém, esta concepção é extremamente excludente e conseqüentemente hegemônica, por isso que esta epistemologia é descontextualizada. A ciência, uma vez plural, indeterminista e incerta, não pode ser fundamentada por concepções da certeza e singular, aliás, este seria o início da vitória das epistemologias além ocidentais e um ganho para a própria ciência no geral. Assim, essas epistemologias devem criar uma desobediência epistêmica, consiste em desafiar e questionar as formas tradicionais de produção do conhecimento, bem como as estruturas de poder que moldam e controlam esse processo. Essa abordagem propõe uma ruptura com as hierarquias estabelecidas no campo acadêmico e intelectual, buscando valorizar e dar voz às perspectivas marginalizadas, subalternas e não convencionais.

Wittgenstein (1969, § 256) quando traz as duas perspectivas antitéticas sobre a ciência, a da dieta unilateral e a de jogos de linguagem, anuncia uma desobediência epistêmica, rompendo com a dieta unilateral através de uma epistemologia plural. Esse rompimento é uma ideia clara sobre a possibilidade de mudança de uma linguagem para outra, isto é, de jogo para jogos de linguagem. A desobediência epistêmica envolve uma postura crítica em relação às normas e padrões dominantes na academia, que muitas vezes excluem ou silenciam saberes e experiências consideradas não legítimas pela tradição hegemônica. Ao desafiar essas estruturas de poder, a desobediência epistêmica busca promover a diversidade e a pluralidade de vozes e visões de mundo, reconhecendo a validade e a importância de diferentes formas de conhecimento.

A desobediência epistêmica representa um movimento de resistência e transformação no campo da produção do conhecimento, buscando ampliar e enriquecer os horizontes epistêmicos, para além das fronteiras impostas pelas estruturas de poder dominantes. Portanto, uma vez que a ciência já não é linear, muito menos determinista, há necessidade do paradigma dominante desprender-se do racionalismo que outrora a modernidade impôs na ciência. Com isso, a partir da desobediência epistêmica, a epistemologia plural deverá iniciar um processo de anarquia epistemológica e decolonial como resposta antitética ao paradigma dominante da modernidade, isto é, a epistemologia plural deverá olhar para a ciência de forma anárquica e descolonizar os saberes. Estes são os fundamentos para a resistência e o progresso da epistemologia plural.

### 3.1. Anarquismo epistemológico

Na obra *Contra o método*, Feyerabend (1977, p. 462) traz um argumento que reprime a abordagem única do conhecimento e desenvolve uma abordagem que procura a diversidade de métodos na epistemologia, concordando com a perspectiva de jogos de linguagem. Austin (1990, p. 83-84), em concordância com Wittgenstein, desenvolve uma epistemologia plural, alegando que a ciência deve ser pensada através dos actos de fala, que seria a multiplicidade de jogos de linguagem. Portanto, essas duas perspectivas, tanto de Feyerabend assim como de Austin, dialogam com a epistemologia wittgensteiniana e iniciam, desta forma, uma resistência à imposição dos métodos da ciência moderna.

*“Uma causa principal das doenças filosóficas – dieta unilateral: alimentamos o nosso pensamento como uma espécie de exemplos”* (WITTGENSTEIN, 1999, § 593). Nesta citação, está patente a ideia de um anarquismo epistemológico. Esta perspectiva desafia a ideia de que a ciência deve seguir um caminho linear e prescrito em direcção à verdade. Defende-se que a pluralidade de métodos e teorias é essencial para o progresso do conhecimento, e que a liberdade de experimentação e a criatividade devem ser incentivadas porque: *“... a ciência é um empreendimento essencialmente anárquico: o anarquismo teórico é mais humanitário e mais susceptível de estimular o progresso do que suas alternativas representadas por ordem e lei”* (FEYERABEND, *op. cit.*, p. 17). Esta citação reflecte uma visão provocativa e desafiadora sobre a natureza da ciência e da pesquisa científica. Feyerabend argumenta que a ciência, longe de seguir um caminho ordenado e estritamente regulado por leis e métodos preestabelecidos, é na verdade um empreendimento caótico e anárquico.

Ao descrever a ciência como essencialmente anárquica, Feyerabend destaca a importância da criatividade, da liberdade e da diversidade no processo de produção do conhecimento. O filósofo defende que o anarquismo teórico, ou seja, a abordagem anárquica para a formulação de teorias e conceitos científicos é mais humanitário e propenso a estimular o progresso do conhecimento do que abordagens que buscam impor ordem e uniformidade sobre a actividade científica. A adopção de uma abordagem anarquista em relação ao conhecimento significa questionar hierarquias e autoridades intelectuais, e permitir a coexistência de múltiplas visões e práticas científicas. Compreende-se que o dogmatismo e a rigidez metodológica podem restringir a capacidade da ciência de inovar e de se adaptar a novas descobertas e perspectivas. Portanto, *“... o único princípio que não inibe o progresso é: tudo vale”* (*idem*, p. 27).

A citação acima é a frase de ordem do anarquismo epistemológico. Ela enfatiza a perspectiva radical sobre a natureza da ciência e da pesquisa. Ao afirmar que o único princípio que não inibe o progresso é: “tudo vale”, Feyerabend está desafiando as noções convencionais de metodologia científica e defendendo a ideia de que a diversidade, a liberdade e a abertura são essenciais para o avanço do conhecimento. Assim, a busca pela verdade e a inovação científica não devem ser restringidas por princípios rígidos ou dogmas metodológicos. Argumenta-se que a imposição de limites ou restrições à investigação científica pode, na verdade, impedir a descoberta de novas ideias e teorias revolucionárias.

O princípio de que *tudo vale* defende a ideia de que todas as abordagens, métodos e perspectivas devem ser considerados na prática científica, sem preconceitos ou exclusões. Feyerabend enfatiza a importância de manter uma mente aberta, de encorajar a experimentação e a diversidade de pensamento, a fim de promover a criatividade e a inovação na ciência. Embora essa abordagem radical e aparentemente caótica possa parecer desafiadora para ciência e para filosofia, pensa-se que é somente com a permissão de uma variedade de abordagens e perspectivas que a ciência pode verdadeiramente atingir seu potencial máximo e avançar de maneira significativa. A visão destemida e provocativa de Feyerabend continua a inspirar debates e reflexões sobre a natureza e os limites da actividade científica.

Qualquer ideia, embora antiga e absurda, é capaz de aperfeiçoar nosso conhecimento. A ciência absorve toda a história do pensamento e a utiliza para o aprimoramento de cada teoria. E não se respeita a interferência política. Ocorrerá que ela se faça necessária para vencer o chauvinismo da ciência que resiste em aceitar alternativas ao *status quo* (FEYERABEND; 1977, p. 65).

Destaca-se a importância da diversidade de ideias e perspectivas na ciência, defendendo que até mesmo ideias antigas e consideradas absurdas podem contribuir para o avanço do conhecimento. A ciência deve ser aberta a todas as fontes de pensamento e não se limitar a restringir-se a uma única visão ou abordagem. Feyerabend enfatiza a necessidade de uma atitude tolerante e receptiva em relação às diferentes concepções e teorias, independentemente de sua origem ou popularidade.

A ciência deve absorver e utilizar toda a história do pensamento para enriquecer e aprimorar suas teorias e métodos. Ressalta-se a importância de não permitir que interferências políticas limitem a diversidade e a criatividade na ciência. Portanto, é um alerta para o perigo do chauvinismo da ciência que pode resistir a aceitar novas alternativas ao *status quo* estabelecido, impedindo assim o progresso e a inovação. O anarquismo epistemológico

proposto por Feyerabend enfatiza a importância da diversidade, da criatividade e da liberdade na produção do conhecimento, desafiando as noções estabelecidas de método científico e abrindo espaço para a experimentação e a contestação como elementos fundamentais para o avanço da ciência. Entretanto, concorda-se que o anarquismo epistemológico seja o primeiro fundamento para a resistência da epistemologia plural.

### **3.2. Discurso sobre geopolítica e (de)colonialidade epistemológica**

O discurso colonial, que se destacou principalmente na modernidade, não se limitou apenas à questão racial, mas consolidou-se também no campo da ciência. Além da colonização racial e territorial, houve uma colonização epistémica, que se efetivou por meio de uma perspectiva de dieta unilateral. Como aponta Cesaire (1978, p. 15), todas as culturas indígenas, incluindo seus saberes, foram submetidas a uma balança matemática extremamente hegemônica, na qual a forma de pensar dos povos não ocidentais foi equiparada à selvageria, enquanto o saber ocidental era visto como sinônimo de civilização. Essa “matemática” estabeleceu uma relação de poder entre os diferentes tipos de conhecimento, a qual pode ser compreendida como uma geopolítica do conhecimento.

Mignolo (2020, p. 214) apresenta uma abordagem crítica que visa analisar e descolonizar as relações de poder presentes na produção, circulação e legitimidade do conhecimento. Ele argumenta que o conhecimento não é neutro nem universal; pelo contrário, ele está profundamente vinculado a contextos específicos de poder, cultura e história, e, nesse sentido, envolve jogos de linguagem, configurando uma epistemologia plural. Assim, a geopolítica do conhecimento em Mignolo busca descolonizar o pensamento e promover a pluralidade epistémica, oferecendo uma crítica radical ao eurocentrismo e à colonialidade que moldaram a produção e circulação do saber ao longo da história.

Wittgenstein (1969, § 378) questiona as hierarquias epistémicas e a centralidade do pensamento eurocêntrico nas instituições acadêmicas e nos discursos dominantes. Os jogos de linguagem enfocam as relações de colonialidade presentes na construção do saber e na disseminação de narrativas hegemônicas que perpetuam desigualdades e marginalizações. Propõe-se uma reconfiguração das geografias cognitivas, reconhecendo a diversidade de tradições intelectuais e epistemologias não ocidentais que foram historicamente silenciadas ou subalternizadas. Isso implica abrir espaço para múltiplas formas de conhecer e interpretar o mundo, valorizando perspectivas locais e alternativas que desafiam as narrativas dominantes.

Quijano (2005, p. 115) desenvolve o conceito de colonialidade como parte fundamental de sua teoria crítica da modernidade. O autor argumenta que a colonialidade está intrinsecamente ligada ao modo como a modernidade se estabeleceu e se expandiu globalmente, influenciando não apenas as estruturas sociais, económicas e políticas, mas também os padrões de conhecimento e subjectividade. A colonialidade não se restringe apenas à relação colonial entre colonizadores e colonizados, mas abrange um sistema de dominação mais amplo que perdura mesmo após o fim do colonialismo político. Essa colonialidade se manifesta nas hierarquias de poder, nas formas de exploração económica, nas relações de género, raça e classe, e na imposição de epistemologias e valores culturais eurocêntricos como universais. Por isso suscitou questionamentos sobre a possibilidade do homem não ocidental desenvolver a sua ciência: *Pode o subalterno falar?* Em resposta a essa pergunta, Spivak (2010, p. 13-16) explora como os sujeitos subalternos, aqueles marginalizados e excluídos das estruturas hegemónicas de poder, como as mulheres nas colónias, são silenciados pelos discursos dominantes, especialmente pelo colonialismo e pelo patriarcado.

Spivak argumenta que, mesmo quando esses sujeitos tentam expressar suas vozes, suas falas são mediadas ou distorcidas pelas estruturas de poder que os oprimem. O subalterno, nesse contexto, não consegue falar directamente em seus próprios termos, porque sua fala é sempre filtrada pelas interpretações daqueles que ocupam posições de poder (intelectuais, colonizadores, elites). Assim, o subalterno é falado, ou interpretado, em vez de ter uma voz própria reconhecida no discurso dominante. Spivak analisa como as mulheres indianas eram silenciadas tanto pela visão colonial (que via a prática como bárbara) quanto pela visão patriarcal local (que via a prática como honrosa). Em ambos os casos, as vozes dessas mulheres subalternas foram obliteradas.

Dentro das estruturas hegemónicas de poder, o subalterno não pode falar, pois suas vozes são continuamente apropriadas e distorcidas. O verdadeiro desafio seria criar condições onde essas vozes pudessem ser ouvidas em seus próprios termos, mas isso requer uma reconfiguração das próprias estruturas de poder e de representação. Portanto, colonialidade epistémica refere-se à forma como o conhecimento e a produção de saberes foram moldados e dominados por estruturas coloniais. Essencialmente, a colonialidade epistémica critica a hegemonia do conhecimento ocidental e como ele marginaliza outras epistemologias, especialmente as de povos indígenas, africanos e outras culturas não ocidentais. Isso implica que o conhecimento não é neutro, mas está imerso em relações de poder e hierarquias que perpetuam desigualdades.

Propõe-se uma análise crítica das estruturas de poder e dos sistemas de conhecimento dominantes, visando descolonizar as mentes e as práticas sociais para promover uma transformação mais equitativa e justa da sociedade. Dessa forma, as reflexões de Quijano e Spivak sobre a colonialidade visa desafiar as narrativas hegemônicas eurocêntricas, reconhecendo a diversidade de saberes, experiências e perspectivas que foram historicamente silenciadas ou subalternizadas. Essas abordagens contribuem para uma compreensão mais ampla e crítica das relações de poder e das dinâmicas de dominação presentes na ordem global contemporânea.

A abordagem crítica propõe uma ruptura com as epistemologias coloniais que hierarquizam e marginalizam outras formas de conhecimento, especialmente aquelas provenientes das culturas e experiências não ocidentais. Ao focar a decolonialidade epistémica, busca-se ampliar o repertório de saberes e perspectivas consideradas legítimas e válidas, reconhecendo a diversidade de vozes e tradições intelectuais que foram historicamente excluídas ou subalternizadas.

Ao problematizar o legado colonial presente nas estruturas do saber, os decoloniais buscam promover uma epistemologia baseada na equidade, na diversidade e no respeito à pluralidade de visões de mundo. Assim, a decolonialidade epistémica emerge como um desafio às formas convencionais de produção e legitimação do conhecimento, propondo uma abordagem mais inclusiva, crítica e reflexiva que reconheça a complexidade e a riqueza das múltiplas formas de compreender e interpretar a realidade.

## **CAPÍTULO III: POR UMA EPISTEMOLOGIA VIRADA À DIVERSIDADE DE JOGOS DE LINGUAGEM**

O capítulo estabelece uma relação intrínseca entre a epistemologia plural e os jogos de linguagem, apresentando princípios para a integração das epistemologias de linguagem dentro da epistemologia plural. Além disso, promove uma articulação entre os jogos de linguagem e os saberes locais, demonstrando como os primeiros fundamentam e legitimam os segundos por meio de conceitos como desempenho, paralogia e intersubjetividade. Por fim, propõe-se uma epistemologia plural afro-moçambicana, com base no ensino bilíngue.

### **1. Princípios do resgate das epistemologias do sul**

No segundo capítulo, foi amplamente discutida a resposta antitética da epistemologia plural em relação à ciência moderna. As críticas apresentadas anteriormente foram fundamentadas em conceitos como incerteza epistemológica e indeterminação do método, culminando com o anarquismo epistemológico e a decolonialidade dos saberes não ocidentais. Dessa forma, entende-se que há uma necessidade de adotar uma epistemologia que valorize a diversidade dos jogos de linguagem, pois é a partir dessa diversidade que uma epistemologia plural se sustenta. Assim, pode-se afirmar que ao falar de jogos de linguagem, está-se falando de epistemologia plural, que busca, em grande parte, resgatar as epistemologias do sul. Mas, afinal, o que é a epistemologia do sul? A que “sul” estamos nos referindo?

Designamos a diversidade epistemológica do mundo por epistemologias do Sul. O Sul é aqui concebido metafóricamente como um campo de desafios epistêmicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo. Esta concepção do Sul sobrepõe-se em parte com o Sul geográfico, o conjunto de países e regiões do mundo que foram submetidos ao colonialismo europeu [...]. A sobreposição não é total porque, por um lado, no interior do Norte geográfico classes e grupos sociais muito vastos [...] foram sujeitos à dominação capitalista e colonial e, por outro lado, porque no interior do Sul geográfico houve sempre as ‘pequenas Europas’, pequenas elites locais que beneficiaram da dominação capitalista e colonial e que depois das independências a exerceram e continuam a exercer, por suas próprias mãos, contra as classes e grupos sociais subordinados. A ideia central é, como já referimos, que o colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e/ou nações colonizados. As epistemologias do Sul são o conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam essa

supressão, valorizam os saberes que resistiram com êxito e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos (SOUSA SANTOS; MENESES, 2014, p. 12).

Sousa Santos e Menezes oferecem uma análise crítica da dominação colonial e capitalista a partir de uma perspectiva epistemológica, problematizando o papel que o conhecimento desempenha na manutenção e perpetuação de estruturas de poder e desigualdade. O sul é visto como um espaço de resistência e inovação epistemológica, onde diferentes formas de conhecimento muitas vezes marginalizadas ou suprimidas pelo colonialismo e capitalismo global buscam reconhecimento e dignidade. O norte, por sua vez, representa não só o espaço geográfico das potências coloniais, mas também o domínio epistémico e cultural que se impôs sobre o mundo através da modernidade. Essa imposição não se deu apenas no nível económico e político, mas também no nível dos saberes, criando uma relação extremamente desigual de saber-poder.

O aspecto importante que os autores abordam relaciona-se com o facto de que tanto o sul quanto o norte possuem contradições internas. De um lado, no norte geográfico, ou seja, nas nações imperialistas e colonizadoras, há grupos e classes que também foram oprimidos pela lógica capitalista e colonial como trabalhadores, mulheres, indígenas, afro-descendentes, muçulmanos, entre outros. Isso implica que, embora essas nações tenham sido as principais beneficiárias da expansão colonial, dentro delas existiam (e ainda existem) camadas de exclusão e dominação. Por outro lado, no sul geográfico, Santos aponta para a existência das pequenas europas elites locais que, durante o período colonial, colaboraram com os colonizadores e, após as independências, continuaram a exercer o poder sobre as classes subalternas, perpetuando as desigualdades estruturais. Essas elites locais foram beneficiárias do colonialismo e, mesmo após as independências políticas, mantiveram as estruturas de dominação social e económica.

As epistemologias do sul emergem como uma proposta de resistência a essa opressão, promovendo a valorização dos saberes que resistiram ao colonialismo e propondo um diálogo horizontal entre conhecimentos, no qual a diversidade epistémica do mundo seja reconhecida e respeitada, daí a sua relação com os jogos de linguagem. Wittgenstein (1999, § 23) enfatiza que o significado da linguagem só pode ser compreendido dentro de um jogo de linguagem particular. Os jogos de linguagem mostram que há uma pluralidade de formas de significar e entender o mundo, todas dependentes de contextos específicos de prática e vida.

Sousa Santos (2008, p. 76-77) afirma que o conhecimento é sempre situado e plural. O que é considerado conhecimento em um contexto ocidental pode não ter a mesma validade ou

relevância em uma cultura indígena ou africana, onde outros jogos de linguagem e sistemas de pensamento prevalecem. A proposta das epistemologias do sul é justamente a valorização dessa diversidade epistemológica, análoga à diversidade de jogos de linguagem que Wittgenstein propõe. Depois de se mostrar a relação entre essas duas teorias que uma fundamenta outra, há necessidade de se traçar princípios para o resgate das epistemologias do sul.

### 1.1. (In)separabilidade metodológica entre as ciências naturais e sociais

Consagra-se a (in)separabilidade metodológica como o primeiro princípio para o resgate das epistemologias do sul por razões óbvias. A ciência moderna guiou-se pelo método das ciências naturais, que consistia na mensuração e quantificação, tanto que houve a pretensão de se fazer uma física social para o estudo das questões sociais sem sair do natural. Porém, o social nem sempre é mensurável e quantificável.

Wittgenstein I (1968, § 7) adotou um carácter anti-metafísico da ciência, no sentido em que todas as ciências deviam pautar pelas leis das ciências naturais, portanto, esta perspectiva buscou uma separação metodológica entre as ciências. Mas, o segundo Wittgenstein (1958, § 56) traz uma proposta inovadora ao examinar os jogos de linguagem na sua totalidade, isto é, ele concebe a ciência como uma soma das partes para compreensão do todo. Esta compreensão do todo não significa voltar à atitude hegemônica da ciência moderna, mas sim, significa olhar para a ciência como um todo sem discriminar as partes. Por isso:

A distinção dicotômica entre ciências naturais e ciências sociais deixou de ter sentido e utilidade. Esta distinção assenta numa concepção mecanicista da matéria e da natureza a que contrapõe, com pressuposta evidência, os conceitos de ser humano, cultura e sociedade. Os avanços recentes da física e da biologia põem em causa a distinção entre o orgânico e o inorgânico, entre seres vivos e matéria inerte e mesmo entre o humano e o não humano (SOUSA SANTOS, 2008, p. 61).

É necessário reflectir sobre a dissolução das fronteiras entre ciências naturais e ciências sociais como um questionamento das categorias tradicionais de conhecimento. Esse questionamento se alinha com a crítica pós-moderna às dicotomias rígidas, que tendem a simplificar a complexidade da realidade. A separação entre as ciências naturais e sociais baseia-se, historicamente, na crença de que o mundo natural e o mundo humano operam em

esferas fundamentalmente distintas. Esse dualismo foi amplamente apoiado por uma visão cartesiana e mecanicista, em que a natureza é vista como uma máquina governada por leis fixas, enquanto o ser humano é dotado de subjectividade, cultura e agência. No entanto, essa divisão já não corresponde à complexidade do mundo contemporâneo. Propõe-se uma visão integrada em que as ciências naturais e sociais se inter-relacionam e se influenciam mutuamente.

*“O [...] paradigma emergente tende assim a ser um conhecimento não dualista, um conhecimento que se funda na superação das distinções tão familiares e óbvias que até a pouco considerávamos insubstituíveis”* (SOUSA SANTOS, 2008, p. 64). Quando Sousa Santos rejeita a distinção entre as ciências naturais e sociais, chama atenção para a necessidade de um novo paradigma epistemológico, um que transcenda os dualismos modernos e adopte uma compreensão mais holística e relacional da realidade, e com a rejeição desta distinção entre as ciências sociais e naturais, compreende-se que há uma possibilidade de se resgatar as epistemologias do sul.

## 1.2. Contra hiperespecialização da ciência moderna

A crítica a hiperespecialização da ciência aponta que o foco excessivo nos detalhes pode limitar a capacidade de entender e solucionar problemas mais amplos. A fragmentação do conhecimento em áreas muito específicas pode resultar em uma perda da visão holística, essencial para compreender a complexidade das questões globais. Neste caso, ao buscar conhecer cada vez mais sobre partes específicas do mundo, perde de vista a ideia da ciência como um todo ou a complexidade inerente à realidade. Mas o que significa hiperespecialização?

[...] *hiper* é definido como “elemento de composição de palavras que traz consigo a ideia de muito excessivo; em grau muito elevado”. Já, o conceito de especialização é o “ato ou efeito de especializar-se; estudo especial de determinado ato ou ciência”. Dessa forma, por meio da união dos conceitos híper e especialização, tomamos a definição do ato ou efeito de especializar-se em determinada ciência excessivamente (MICHAELIS *apud* SCHERER, 2021, p. [s.p.]).

Em Wittgenstein (1999, § 593) compactuar com essa prática de hiperespecialização é desenvolver uma incapacidade de uma visão geral sobre ciência. Morin (2005, p. 11-12) desenvolve o entendimento de que a ciência devolve nos seres humanos uma inteligência cega

sobre a realidade, pois se está preso na hiperespecialização das ciências, isto é, desenvolve-se o biologismo, matematicismo, fisicalismo, esquecendo que a realidade fenoménica é complexa e que todas as ciências precisam de uma inter-conectividade entre elas. Portanto, “... a hiperespecialização ou seja, a especialização que se fecha em si mesma sem permitir sua integração em uma problemática global ou em uma concepção de conjunto do objecto do qual ela considera apenas um aspecto ou uma parte” (MORIN, 2003, p. 13).

Esse fechamento impede uma concepção mais completa e complexa dos fenómenos. Em vez de promover uma compreensão integrada, a hiperespecialização pode gerar distorções, porque o especialista só observa uma parte do todo. Essa abordagem dificulta a resolução de problemas globais, que geralmente são interdisciplinares por natureza. A ciência precisa de uma inteligência geral, ou seja, uma capacidade de articular saberes de diferentes áreas para enfrentar os desafios complexos do mundo. Essa concepção de Morin enfatiza a necessidade de um pensamento que vá além das fronteiras disciplinares, buscando sempre relacionar as partes com o todo e promover um entendimento mais abrangente e integrado dos fenómenos. Compreende-se, portanto, que ao se adoptar uma posição que contraria a hiperespecialização da ciência, abriria uma possibilidade de resgatar as epistemologias do sul.

## **2. Micro-narrativas: formas de legitimação**

A epistemologia plural está fundamentada sobre dois princípios para a legitimação das epistemologias do sul, mas *de que epistemologia de sul se está referindo?* São as micro-narrativas, saberes locais. Este subtítulo discorre sobre estas epistemologias e as suas formas de legitimação. Se as grandes narrativas do saber científico eram legitimadas a partir da mensuração e quantificação, com os jogos de linguagem a ciência toma um novo rumo.

Já se falou no primeiro capítulo que os jogos de linguagem comportam uma diversidade de ideias ou pensamentos sobre a realidade, isto é, a realidade é plural. Austin (1990, p. 118-119) desenvolve uma epistemologia performativa a partir dos actos de fala (equivalente a jogos de linguagem em Wittgenstein), que consiste na realização de uma acção através da fala. Esta epistemologia é avaliada em termos de (in)sucesso e (in)felicidade. Portanto, se os actos performativos tiverem o sucesso, então eles são susceptíveis de serem considerados ciência. Com esta perspectiva inovadora de Austin, pode-se abrir um espaço para a legitimação das micro-narrativas.

A pós-modernidade não se aparta desta ideia, tanto que Lyotard (2009, p. 15-17) baseia-se nos jogos de linguagem para afirmar que a legitimação das micro-narrativas é local e contextual. Com isso, a linguagem só adquire o sentido mediante o seu uso, neste caso, a pragmática da mesma. Mas de que forma esses saberes são legitimados? A legitimação é feita a partir do critério: do desempenho/performace e da paralogia. Quanto ao primeiro critério, Lyotard diz:

A administração da prova, que em princípio não é senão uma parte da argumentação destinada a obter o consentimento dos destinatários' da mensagem científica, passa assim a ser controlada por um outro jogo de linguagem onde o que está em questão não é a verdade mas o desempenho (LYOTARD, 2009, p. 83).

A obra *A Condição pós-moderna* destaca uma mudança significativa na forma como a verdade é percebida e comunicada na sociedade contemporânea. Ao enfatizar que a administração da prova deixa de ser sobre a busca da verdade e passa a ser mais sobre o desempenho, o autor, aponta para uma transformação no paradigma tradicional da ciência e do conhecimento. Neste novo contexto, a validade de uma informação ou argumento não é determinada pela sua correcção objectiva, mas sim pelo seu impacto e eficácia na obtenção do consentimento dos destinatários da mensagem. O filósofo sugere que a busca pela verdade é substituída por um jogo de linguagem onde o foco recai no desempenho, na persuasão e na capacidade de influenciar, muitas vezes em detrimento da própria verdade. Portanto, o “... critério de bom desempenho é explicitamente invocado pelas administrações para justificar a recusa de apoiar este ou aquele centro de pesquisas” (*idem*, p. 85).

Lyotard ressalta como o critério de bom desempenho é frequentemente utilizado pelas administrações para justificar suas decisões de não apoiar certos centros de pesquisa. Nesse sentido, a ideia de bom desempenho torna-se um critério normativo e selectivo, muitas vezes baseado em indicadores quantitativos ou qualitativos que nem sempre reflectem a diversidade e a complexidade das actividades de pesquisa. Lyotard questiona essa abordagem, sugerindo que a avaliação do desempenho de um centro de pesquisa não deve ser reduzida aos critérios unilaterais ou simplistas. O valor da pesquisa vai além de resultados imediatos e mensuráveis, envolvendo processos, experiências, colaborações e impactos que podem não ser facilmente quantificados.

Ao se invocar o critério de bom desempenho de forma explícita para justificar a recusa de apoio a determinados centros de pesquisa, as administrações podem estar limitando o potencial inovador e criativo desses locais, bem como restringindo a diversidade de

perspectivas e abordagens na produção do conhecimento. Destaca-se a importância de uma avaliação mais ampla e sensível ao contexto, que reconheça a pluralidade de contribuições e os diferentes modos de excelência na pesquisa.

Quanto à segunda forma de legitimação que complementa a primeira, a “... *única legitimação que ao final das contas torna aceitável esta démarche, seria a de que produzirá ideias, isto é, novos enunciados*” (LYOTARD, 2009, p. 117). Esta ideia está ligada à paralogia porque desenvolve o entendimento de que legitimidade da busca pelo conhecimento está intrinsecamente ligada à sua capacidade de gerar novas ideias e enunciados. O autor sugere que o verdadeiro valor de empreender essa jornada intelectual está na possibilidade de produzir pensamentos originais, conceitos inovadores e perspectivas singulares que contribuam para a ampliação do horizonte cognitivo e cultural. Ao ressaltar a importância da geração de novas ideias como critério fundamental para avaliar a validade e o impacto de um empreendimento intelectual, Lyotard está destacando a necessidade de criatividade, inventividade e renovação no campo do conhecimento.

Compreende-se que a mera repetição ou reprodução de ideias já existentes não é suficiente para justificar ou legitimar uma pesquisa ou um pensamento. Assim, ao defender que a legitimação última de uma busca pelo conhecimento reside na capacidade de produzir ideias e enunciados inovadores, Lyotard está chamando a atenção para a importância da originalidade, da experimentação e da abertura para o novo processo de construção do saber. Essa visão ressalta a dinamicidade e a vitalidade do pensamento humano, convidando a buscar constantemente novas formas de expressão e compreensão do mundo através de uma diversidade de saberes.

### **3. Jogos de linguagem e Ecologia de saberes**

O pensamento moderno consagrou-se como um pensamento abissal. Este é entendido como aquele pensamento que estabelece uma impossibilidade da co-presença dos dois lados da linha, e compreende-se que o mesmo pensamento compactua com a perspectiva de Wittgenstein I. O outro lado, na perspectiva do pensamento abissal só é válido quando esgota o outro campo da realidade relevante. Este entendimento acusa novamente a ciência moderna de ser hegemônica, anti-complexa e determinista, daí surge uma contra proposta que é optar por um pensamento pós-abissal que se enquadra na perspectiva de Wittgenstein II.

O reconhecimento da persistência do pensamento abissal é, assim, a *conditio sine qua non* para começar a pensar e agir para além dele. Sem este reconhecimento, o pensamento crítico permanecerá um pensamento derivativo que continuará a reproduzir linhas abissais, por mais anti-abissal que se autoproclama (SOUSA SANTOS, 2009, p. 44).

Uma das condições indispensáveis para ultrapassar o pensamento abissal é o reconhecimento de que este pensamento ainda se apresenta como persistente no campo científico, no sentido em que ainda prevalecem alguns pensamentos que sacrificam o múltiplo em nome do uno científico. Há necessidade de uma persistência epistémica plural a partir do pensamento pós-abissal (pode ser chamado de epistemologia do sul). O pensamento pós-abissal consagra-se como uma contra proposta para superação do pensamento outrora mencionado. Sousa Santos (2009, p. 44) entende que o pensamento pós-abissal não se apresenta como derivativo e, coloca rupturas na forma do pensamento ocidental. O pensar de forma não derivativa significa extrapolar os limites da linha que separa o norte e o sul.

Pensar de forma não derivativa é reconhecer a existência de jogos de linguagem e, conseqüentemente, reconhecer a diversidade epistemológica, no sentido em que existem outras formas de conhecimento além do científico. Além disso, o pensamento pós-abissal significa aprender e pensar o sul a partir do sul, daí o conceito da ecologia de saberes. Esta proposta confronta o carácter monocultural da ciência moderna a partir de uma ecologia de saberes. “*Não existe uma proposição isolada. Pois o que chamo ‘proposição’ é uma posição no jogo da linguagem*” (WITTGENSTEIN, 2003, § 124).

Todo pensamento está intrinsecamente ligado com o outro. A ideia de ecologia de saberes consiste no reconhecimento do pluralismo da ciência, incluindo a própria ciência moderna, tendo em conta a interacção sustentável e dinâmica entre todas as formas de conhecimento, sem mutilar a autonomia de cada um deles. Portanto, é necessário um diálogo entre o norte e sul, e do sul para com sul.

#### **4. Por uma epistemologia plural afro-moçambicana: reflexão a partir do ensino bilíngue**

O discurso sobre a (im)possibilidade de uma epistemologia africana está intrinsecamente ligado à duas perspectivas: eurocêntrica e afrocêntrica. Segundo Mudimbe (2013, p. 15), a perspectiva eurocêntrica entende que a ideia da África é produto de uma influência exterior a ela mesma, no sentido em que as religiões e o conhecimento são

imitações da diáspora. Vários filósofos europeus negaram a possibilidade da existência de uma epistemologia puramente africana. Mas a perspectiva afrocêntrica, em Mucale (2013, p. 25-26), desenvolve o entendimento de que a ideia da África é produto de uma reacção ao colonialismo e aceitação ao sentimento de pertença por parte dos africanos. Esta perspectiva abre a possibilidade da existência de um conhecimento africano, colocando as ideias e culturas africanas no centro. Portanto, entende-se que a primeira perspectiva desenvolveu um discurso de poder sobre a África com a pretensão de hierarquizar os conhecimentos. Mas a nossa pretensão não é fundamentar um jogo geopolítico do conhecimento, mas sim abrir um espaço de pensar uma epistemologia plural afro-moçambicana.

Defendeu-se longamente uma epistemologia wittgensteiniana sobre a linguagem comum, isto é, jogos de linguagem. A partir desta perspectiva, compreende-se que é possível desenvolver uma epistemologia plural moçambicana a partir do currículo do ensino bilíngue, no sentido em que “... a educação tem de ter em conta da diversidade de indivíduos e dos grupos sociais, para que se torne num factor, por excelência de coesão social e não de exclusão” (INDE; MEC *apud* BASÍLIO, 2006, p. 39). Neste caso, elimina-se a ideia de hierarquização do conhecimento e exclusão de outrem, promovendo a ideia de que “... *todo conhecimento local é total*” (SOUSA SANTOS, 2008, p. 73).

Moçambique como um país multilingue tem enfrentado graves problemas no que se refere à criação de mecanismo para se desenvolver um debate intercultural entre as línguas. Vários episódios comprovam a pretensão de superioridade entre os falantes da língua X para com os falantes da língua Y. Essa pretensão é motivada, de um lado, pela intolerância do outro enquanto sujeito integrante da sociedade e, do outro lado, pela ignorância de não querer (re)conhecer o outro como concidadão. Não se pode ignorar estes factores, pois se entende que o outro também precisa se expressar. Portanto, concebe-se essa diversidade linguística de forma positiva, no sentido em que todas as línguas moçambicanas carregam consigo um conhecimento subjacente sobre aquela realidade específica.

Esta proposta reivindica uma epistemologia plural moçambicana tendo em conta o currículo do ensino primário estabelecido em Moçambicano, pois: “... *é por meio desses jogos que a língua materna é ensinada às crianças [...]. Consideramos, contudo, os jogos de linguagem como [...] completas em si mesmas, como sistemas completos da comunicação humana*” (WITTGENSTEIN, 1958, § 5).

De acordo com algumas ideias desenvolvidas por Mazi e António (2024, p. 27) sobre a implementação do currículo do ensino bilíngue, argumenta-se que esse currículo busca promover as línguas moçambicanas no debate multissetorial e na construção da ciência. Para

os autores, essa proposta também envolve a reivindicação do estatuto epistemológico das línguas moçambicanas dentro do debate científico. Nesse contexto, a diversidade dessas línguas é compreendida como jogos de linguagem, conforme a concepção de Wittgenstein. Portanto, “... a educação não apenas como um processo de transmissão de conhecimentos, mas também como um ato de (re)criação e, sobretudo, de compartilhamento de saberes” (MORENO *apud idem*, 2024, p. 40). Esse processo de recriação envolve o indivíduo não apenas em seu próprio desenvolvimento, mas também no desenvolvimento do mundo ao seu redor.

Castiano (2013, p. 77-86) coloca quatro condições a partir da intersubjectivação para a legitimação dos saberes locais e um possível enquadramento deles na academia: a primeira condição é abertura às conversações entre o filósofo profissional e os informantes locais. Seria uma espécie de entrevista em que aquele questiona este, onde o cerne do debate seria a busca pela compreensão do significado dos saberes locais. A segunda condição é a abertura de um espaço para se adoptar novos conceitos por parte da própria filosofia profissional, no sentido de se questionar em que medida os novos conceitos sugeridos pelos saberes locais reformulam os problemas que ainda são desafios para a filosofia profissional. A terceira condição é a crítica-crítica, que consistiria na reformulação da ideia universalista sobre a filosofia para estabelecer a ideia de que todo pensamento pertence a um sujeito subjectivo. Portanto, esta condição abriria a possibilidade de se valorizar o subjectivo. Por fim, a quarta condição é a auto reflexão, que consistiria no questionamento sobre os desafios que os conceitos da filosofia profissional africana são submetidos e em que medida os saberes locais submetem a filosofia profissional africana a uma mudança paradigmática. A partir daqui:

Não nos interessa a proveniência de um determinado conceito. O que nos interessa é o potencial explicativo deste conceito em relação à realidade ou o problema em causa. O que ainda é mais interessante [...] é a capacidade de cada um desses argumentos que sejam mais fortes para compreender os eventos factos e processos [...]. Se a filosofia africana se quer desenvolver como pensamento crítico, e assim seguir o que caracteriza a filosofia em geral, ela deve cultivar dois pressupostos: o primeiro, ela deve estar apta para a criação de espaços de intersubjectivação, isto é, espaços de diálogo que se baseiam no reconhecimento do outro ou outros como sendo também e de igual modo sujeito(s) do conhecimento; o segundo, ela deve abrir-se para um diálogo intercultural filosófico, isto é, um diálogo em que se baseia no potencial crítico e autocrítico sugerido por outras culturas no sentido do enriquecimento conceptual mútuo (*idem*, p. 86-88).

Contudo, é ressaltada a importância do potencial explicativo dos conceitos, independente de sua proveniência, para a compreensão da realidade ou dos problemas em questão. Castiano indica que o essencial é avaliar a capacidade dos argumentos de serem robustos o suficiente para compreender os eventos, factos e processos que se apresentam, destacando a relevância da qualidade argumentativa na construção do conhecimento. Ademais, destacam-se dois pressupostos fundamentais para o desenvolvimento da filosofia africana como um pensamento crítico. O primeiro pressupõe a criação de espaços de intersubjetividade, baseados no reconhecimento mútuo do outro como sujeito do conhecimento. Isso implica em promover diálogos igualitários e inclusivos, onde a diversidade de experiências e perspectivas seja valorizada para enriquecer o debate filosófico. O segundo pressuposto propõe a abertura da filosofia africana para um diálogo intercultural, no qual diversas culturas e tradições possam contribuir de maneira crítica e autocrítica para o enriquecimento conceitual mútuo.

Essa postura de abertura e receptividade ao diálogo com outras culturas evidencia a importância do pluralismo e da troca intercultural como ferramentas essenciais para o desenvolvimento de uma filosofia crítica e contextualizada. Portanto, o conceito da intersubjectivação consagra-se como uma das formas fundamentais para a legitimação dos saberes locais. Com o desempenho/performance, paralogia e intersubjectivação, compreendemos que se quebra a barreira do cientificismo que outrora fora estabelecido pela modernidade.

Nossa proposta, portanto, é de uma epistemologia plural concebida de Moçambique para Moçambique, baseada na ecologia regional de saberes que as línguas locais nos oferecem. Compreendemos que a diversidade linguística do país não deve ser vista como um obstáculo, mas sim como um ganho epistemológico para nós. De facto, ao longo deste trabalho, ao defendermos uma epistemologia plural por meio dos jogos de linguagem, estamos reconhecendo o valor epistemológico dessa pluralidade na construção de uma ciência, especialmente uma ciência plural. Assim, essa proposta rejeita a visão de uma perspectiva científica unidimensional e valoriza a diversidade, inspirando-se no modelo de ensino bilíngue implementado no país.

## CONCLUSÃO

Com o tema *A fundamentação da epistemologia plural na perspectiva de jogos de linguagem em Wittgenstein* é possível observar a relevância e complexidade do debate em torno da diversidade de abordagens epistemológicas na contemporaneidade. A epistemologia plural surge como uma resposta necessária e crítica à hegemonia da ciência moderna tradicional, que muitas vezes negligencia outras formas de conhecimento e marginaliza saberes não ocidentais. Ao considerar o contexto do debate e os desafios enfrentados pela epistemologia plural, é fundamental destacar a importância dos jogos de linguagem como ferramenta conceitual para compreender e valorizar a diversidade de perspectivas epistêmicas presentes em diferentes contextos culturais e históricos. Os jogos de linguagem oferecem uma “lente” interpretativa através da qual é possível reconhecer a multiplicidade de formas de conhecimento e as dinâmicas complexas que permeiam as práticas epistemológicas.

A epistemologia plural, sobretudo representada pela epistemologia do sul, propõe uma crítica radical à visão eurocêntrica dominante na produção do conhecimento científico, abrindo caminho para uma reflexão mais ampla e inclusiva sobre os diferentes modos de conhecer e compreender o mundo. A epistemologia do sul, ao enfatizar a necessidade de descentralizar o conhecimento e valorizar as epistemologias locais e subalternas, contribui para a construção de um paradigma epistemológico mais democrático e horizontal. Assim, a relação entre os jogos de linguagem e a epistemologia plural se revela como uma via promissora para repensar a produção do conhecimento e promover diálogos interculturais enriquecedores.

Ao reconhecer a diversidade de práticas epistêmicas e valorizar as múltiplas vozes presentes no cenário intelectual global, a epistemologia plural convida a repensar as concepções tradicionais de verdade, autoridade e legitimidade do conhecimento, abrindo espaço para uma epistemologia mais inclusiva, crítica e transformadora.

É importante ressaltar a legitimidade e importância dos saberes locais como parte integrante do processo de construção do conhecimento. Os saberes locais, muitas vezes marginalizados ou subalternizados em relação aos padrões hegemônicos de produção de conhecimento, possuem uma riqueza intrínseca que merece ser reconhecida, valorizada e incorporada nas discussões epistemológicas. A epistemologia plural, especialmente representada pela epistemologia do sul, propõe uma valorização dos saberes locais como elementos fundamentais para a diversificação e democratização do conhecimento. Ao reconhecer e legitimar as epistemologias locais, a epistemologia do sul desafia as hierarquias

de poder presentes no campo acadêmico e promove um diálogo intercultural mais igualitário e inclusivo.

A ecologia de saberes moçambicanos, em consonância com a diversidade linguística do país, desempenha um papel fundamental na construção de uma sociedade mais inclusiva, equitativa e sustentável. A integração desses saberes locais no contexto educacional, por meio do ensino bilíngue, não apenas enriquece o currículo escolar, mas também fortalece a identidade cultural moçambicana, promove a valorização das línguas locais e contribui para a formação de cidadãos conscientes, críticos e engajados com as questões sociais e ambientais de seu país. Nesse sentido, é imperativo que se reconheça e se promova a diversidade linguística e cultural como um ativo valioso e essencial para o desenvolvimento de Moçambique. O investimento na valorização dos saberes locais e na implementação de políticas educacionais inclusivas e contextualizadas é um passo para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e plural, onde cada voz e cada conhecimento sejam respeitados e celebrados.

No decorrer desta investigação, foram identificadas algumas aporias no pensamento de Wittgenstein, apresentadas principalmente por Austin. Inicialmente, Austin reconheceu a genialidade de Wittgenstein e compartilhou muitas de suas ideias sobre linguagem e significado. Uma das críticas de Austin ao pensamento de Wittgenstein está relacionada à distinção entre uso e menção de palavras. Enquanto Wittgenstein enfatizou a importância do uso da linguagem em contextos de atividades humanas específicas, Austin argumentou que a menção de palavras – ou seja, quando as palavras são usadas para falar sobre elas mesmas – também é uma parte crucial da análise filosófica da linguagem. Austin procurou explorar como as palavras são usadas não apenas para descrever o mundo, mas também para desempenhar diversas funções linguísticas em diferentes contextos. Além disso, Austin criticou a abordagem de Wittgenstein em relação às regras linguísticas.

Enquanto Wittgenstein argumentava que as regras linguísticas estavam intrinsecamente ligadas às práticas sociais e culturais, Austin questionou se as regras poderiam ser completamente capturadas por meio de exemplos de uso da linguagem. Ele propôs a noção de atos de fala para enfatizar a importância não apenas do significado das palavras, mas também dos efeitos que essas palavras têm em situações comunicativas específicas.

## **BIBLIOGRAFIA**

### **Nuclear**

WITTGENSTEIN, Ludwig. (2003). *Gramática Filosófica*. 2ª edição. São Paulo: EDIÇÕES LOYOLA.

\_\_\_\_\_. (1999). *Investigações filosóficas*. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural.

\_\_\_\_\_. (1989). *Fichas (Zettel)*. Lisboa: 70.

\_\_\_\_\_. (1969). *Da Certeza*. Trad. Maria Elisa Costa. Lisboa: 70.

\_\_\_\_\_. (1968). *Tractatus logico-philosophicus*. Trad. José Arthur Giannotti. São Paulo: Nacional.

\_\_\_\_\_. (1958). *O Livro castanho*. Trad. Jorge Marques. Lisboa: 70.

### **Complementar**

AUSTIN, John. (1990). *Quando dizer é fazer*. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas.

BASÍLIO, Guilherme. (2006). *Os Saberes locais e o novo Currículo do Ensino Básico*. Maputo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo & Universidade Pedagógica de Moçambique.

CASTIANO, José. (2013). *Os Saberes locais na academia: condições e possibilidade da sua legitimação*. Maputo: Educar; Centro de Estudos Moçambicanos e Etnociências.

CESAIRE, Aimé. (1978). *Discurso sobre o colonialismo*. Trad. Noemia de Souza. Lisboa: Livraria Sá da Costa.

DUSSEL, Enrique. (1977). *Filosofia da libertação*. São Paulo: UNIMEP; Loyola.

FEYERABEND, Paul. (1977). *Contra o método*. Trad. Octanny S. da Mota. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.

FREGE, Gottlob. (2009). *Lógica e Filosofia da Linguagem*. 2. ed., São Paulo: Universidade.

GOBBI, Sérgio Leonardo. (2002). *Teoria do caos e a abordagem centrada na pessoa: uma possível compreensão do comportamento humano*. [s.l.]: Pico-pedagógica.

GREENE, Brian. (2005). *O Tecido do cosmo: o empaco, o tempo e a textura da realidade*. Trad. José Viegas. São Paulo: Companhia das Letras.

LYOTARD, Jean-François. (2009). *A Condição pós-moderna*. 12. ed., Rio de Janeiro: José Olympio.

- MAZI, Pedro Cebola; ANTÓNIO, Fernando José. (2024). *Conjecturas do Ensino Bilíngue em Moçambique*. Itapiranga: Schreiben.
- MORIN, Edgar. (2005). *Introdução ao pensamento complexo*. Trad. Eliane Lisboa, Porto: Luís Gomes.
- \_\_\_\_\_. (2003). *A Cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Trad. Eloá Jacobina, 8. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- \_\_\_\_\_. (1977). *O Método I: a natureza da natureza*. 2. ed., Trad. Maria Gabriela de Bragança: Lisboa: Francisco Lyon de Castro.
- MIGNOLO, Walter. (2020). *A Geopolítica do Conhecimento e a diferença colonial*. Revista Lusófona de Educação.
- MUCALE, Ergimino Pedro. (2013). *Afrocentricidade: complexidade e liberdade*. Maputo: Paulinas.
- MUDIMBE, V. Y. (2013). *A Invenção da África: gnose, Filosofia e a ordem do conhecimento*. Lisboa: Pedago.
- NOUVEL, Pascal. (2013). *Filosofia das ciências*. Trad. Vanina Carrara. São Paulo: Parirus.
- PRIGOGINE, Ilya. (2002). *Leis do caos*. Trad. Ribeiro Leal Ferreira, São Paulo: UNESP.
- QUIJANO, Aníbal. (2005). *A Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino americanas, colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. Buenos Aires: Coleccin Sur Sur.
- RUSSELL, Bertrand. (2006). *Introdução à filosofia matemática*. Trad. Augusto J. Franco de Oliveira. [s.l.]: CEHFC/EU.
- SCHERER, Karine Cristina; ALVES, Marcos Alexandre; ZUCOLOTTI, Marcele Pereira. (2021). *Epistemologia da complexidade e os desafios da hiperespecialização por Edgar Morin*. [s.l.: s.n.].
- SCHLICK, Moritz; CARNAP, Rudolf; POPPER, Karl. (1975). *Coletânea de textos*. Trad. Pablo Rubén Mariconda. São Paulo: Victor Civita.
- SOUSA SANTOS, Boaventura de; MENESES, Maria Paula (Orgs.). (2014). *Epistemologia do Sul*. Coimbra: Almedina.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. (2008). *Um Discurso sobre as ciências sociais*. 5. ed., São Paulo: Cortez.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. (2010). *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida Belo Horizonte: UFIVIG.